



Primeiro
Simpósio
de Filosofia

PROMETEUS

FILOSOFIA EM REVISTA

PROMETEUS - VIVA VOX - DFL - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DE 19 A 20 DE OUTUBRO DE 2011 - NO CAMPUS DE SÃO CRISTÓVÃO/ UFS

UNITED STATES NAVAL ACADEMY
Stockdale Center for Ethical Leadership



Grupo de Pesquisa
em Filosofia
Clássica e Contemporânea

ISBN



978-85-7822-189-8

A TRÍADE DO GUERREIRO ESTOICO



JAMES B. STOCKDALE

CABECEIRAS, A.; DINUCCI A. (ORG.)



A TRÍADE DO GUERREIRO ESTOICO

JAMES BOND STOCKDALE



CABECEIRAS A.; DINUCCI, A. (ORG.)



**PRIMEIRA EDIÇÃO
SÃO CRISTÓVÃO-SE
Primeira tiragem 2011**



**Grupo de Pesquisa em Filosofia Clássica e Contemporânea
Universidade Federal de Sergipe**

Contatos: vivavoxsergipe@yahoo.com.br

<http://musionorufu.zip.net>

<http://vivavoxsite90.com>

Primeira edição: 1995. Primeira edição no Brasil: 2011

Revisão do texto: Paulo Cesar da Silva Gonçalves

EdiUFS - Editorial Prometeus - Dr. Adão Peixoto (UFG), Dr. Alberto Oliva (UFRJ), Dr. Aldo Dinucci (UFS), Dr. Alexandre Cabeceiras (UFS), Dr. Alfredo Julien (UFS), Dr. Amon Pinho (UFU), Dr. Antonio José Romera Valverde (PUC-SP e EAESP-FGV), Dra. Constança Terezinha Marcondes Cesar (UFS), Dr. Fábio Duarte Joly (UFRB), Dr. Fernando Santoro (UFRJ), Dr. Gabriele Cornelli (UNB), Dr. Henrique Graciano Murachco (UFPB), Dr. Jacinto Lins Brandão (UFMG), Dr. José Maria Arruda (UFC), Dr. José Maurício de Carvalho (UFSJ), Dr. Luigi Bordin (UFRJ), Dr. Manuel Tavares Gomes (Universidade Lusófona - Portugal), Dr. Marcos Antonio da Silva (UFS); Dra. Marly Bulcao Lassance Britto (UERJ), Dr. Matheus Trevisan (UFMG); Dr. Otávio Lopes Machado de Mendonça (UFPB), Dr. Roberto Jarry (UFPB), Dra. Solange Norjosa (UEPB); Dr. Tárik de Athayde Prata (UFS), Dra. Vera Maria Portocarrero (UERJ), Dr. Washington Luiz (UFPE)

Capa: Estátua do almirante Stockdale - **Stockdale Center for Ethical Leadership / EUA.**

<http://www.usna.edu/ethics/index.htm>

ISBN 978-85-7822-189-8

Título Original: The Stoic Warrior's Triad

Autor: James Bond Stockdale

Tradução e Notas: Aldo Dinucci; Alexandre Cabeceiras

A Tríade do Guerreiro Estoico I James Bond Stockdale.

p.44

1. Conflito Vietnamita, 1961–1975—Prisioneiros e prisões

2. Epicteto 3. Estoicismo 4. Filosofia 5. Ética prática cdu 17

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Paulo Cesar da Silva Gonçalves¹

James B. Stockdale é reconhecidamente um ícone e uma referência para os que desejam conhecer o valor e a consistência da filosofia estoica, não apenas por seu profundo conhecimento sobre a matéria, ou por sua bem sucedida carreira como piloto e vice-almirante da reserva da Marinha dos Estados Unidos, mas por ter conseguido, através da prática dos princípios epictetianos, oferecer ao mundo uma prova indiscutível de sua aplicação nas situações extremas de conflito e pressão psicológica.

Meritória, portanto, a iniciativa da publicação dos “documentos ocasionais”, que inaugura a série com a *Tríade do Guerreiro Estoico: Tranquilidade, Destemor e Liberdade*.

Em palestra realizada em 1995 para alunos da Escola de Fuzileiros Navais, na Virginia, Stockdale sustentou a tese de que a melhor arma para enfraquecer a vontade do inimigo em uma guerra não é a violência, o poder de fogo, mas a *força moral*, a *convicção*, e o que ele chama de *jogos mentais*.

Os fundamentos dessas forças estariam nos três pilares: a serenidade de estar convicto de que nada que não dependa do indivíduo possa lhe causar dano; a consequente ausência de medo diante de situações ou impressões externas que possam ameaçar a pessoa; e o sentimento de ser livre, conquistado a partir da certeza de que a felicidade, o bem-estar, a plenitude, e todas as excelências do espírito são de exclusiva responsabilidade do indivíduo, através de escolhas justas e em conformidade com a natureza.

¹ Psicólogo clínico, formado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ, foi professor de psicologia nas áreas de desenvolvimento, aprendizagem e percepção durante 12 anos, na UERJ e Universidade Gama Filho (RJ). Especializado em atendimento de surdos, utilizando a Língua Brasileira de Sinais-Libras. Cf. <http://psisurdos.blogspot.com/>

Stockdale comprovou em seus sete anos e meio como prisioneiro de guerra em Hanói, Vietnam do Norte, que só é possível vencer o inimigo através de verdadeiros *jogos mentais*, observando cada movimento do inimigo, analisando cada impressão recebida, cada juízo de valor, cada impulso para agir, o desejo e a repulsa, e a intencionalidade de cada movimento do jogador. Escolheu, para jogar, a estratégia estoica, ensinada por Epicteto, e superou todas as adversidades, assegurando sua sobrevivência e a de seus companheiros de cárcere.

Ao invés de se preocupar com as torturas e privações que o inimigo lhe afligia, com os imobilizadores de pernas ou em combater o inimigo, estava atento às torturas que impunha a si mesmo, com a luta que travava consigo próprio. Compreendia, com o mestre frígio, que a “*verdadeira tarefa* é manter o controle sobre o propósito moral, posto que meu propósito moral é quem eu sou”.

Nessa palestra dedicada a jovens futuros *guerreiros*, Stockdale empreende, novamente, com entusiasmo e simplicidade, uma viagem às origens do estoicismo, recheada de exemplos e argumentos claros, contemplando-nos com o excelente roteiro para nossa viagem em direção a nós mesmos.

E o que é essa viagem senão o exercício constante desse *jogo mental*, em que aprendemos a separar o que depende de nós e o que não está sob nosso controle? E perceber que nossas escolhas quase sempre são feitas por nossos complexos, nossa culpa, nosso medo e nossa raiva. Que permitimos e incentivamos a guerra entre o bem e mal, a luz e a sombra, o feminino e masculino, forças da natureza, inerentes a cada um de nós, e que mantêm o fluxo da vida, como a polaridade que sustenta a corrente elétrica.

Lança-nos um alerta para que prestemos atenção à intencionalidade de nossas ações, a sermos os donos do nosso agir, expulsando os *mandantes* que habitam em nós, e que nos tornam incompetentes para a vida. Ensina-nos a aceitar e dialogar com nossas sombras, tratando-as como aliados e não como inimigos.

Enfim, oferece-nos a oportunidade de colher os frutos dessa intrigante doutrina, o estoicismo, a saber: a serenidade, a ausência de medo e a liberdade.

PREFÁCIO À EDIÇÃO AMERICANA

Albert C. Pierce²

Com a presente publicação, o Centro para Estudos de Ética Profissional Militar inaugura a série “Artigos Ocasionais”, e estamos genuinamente orgulhosos em ter o vice-almirante James B. Stockdale como o primeiro autor que publicamos. De fato, nós não poderíamos ter pessoa melhor ou mais apropriada com quem iniciar esse novo programa do Centro.

Graduado em 1947 pela Academia Naval dos EUA, o vice-almirante Stockdale é uma figura de enorme estatura entre os cadetes há mais de meio século, como viva encarnação dos valores fundamentais da Marinha: honra, coragem e comprometimento.

No final de 1999, o Centro hospedou o almirante e a Sra. Stockdale por vários dias, incluindo um grande evento – “Coragem Moral: Uma noite em honra do vice-almirante James B. Stockdale”. No princípio de 2001, a Associação dos Alunos da Academia Naval anunciou que o almirante Stockdale fora selecionado para receber o Prêmio de Graduado Destacado da Associação. Esse prestigioso prêmio é dado a um graduado vivo que demonstrou um forte interesse em apoiar a Marinha e a Academia Naval, deu a vida pela nação e a ela fez significantes contribuições no serviço público.

Estudante e professor de filosofia de longa data, com foco nas obrigações morais dos indivíduos, especialmente no ofício militar, o almirante Stockdale indagou-nos, ano passado, se o Centro estaria interessado em publicar algumas de suas reflexões sobre o estoicismo e a influência deste em sua vida. Nós concordamos pronta e entusiasticamente. O resultado será, de fato, nossas primeiras duas publicações na série, intituladas *Stockdale e o Estoicismo I e II*. A primeira, esta, é uma versão levemente editada de duas conferências que o almirante Stockdale ofereceu aos estudantes na Escola de

² Diretor do Centro para Estudos de Ética Profissional Militar da Marinha Norte-Americana.

Guerra do Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha Anfíbia dos EUA em Quantico, Virgínia, em 18 de abril de 1995.

Ao se ler a biografia desse homem e suas próprias palavras àqueles jovens oficiais da Marinha, concluir-se-á, sem sombra de dúvida, como o fizemos, que ele é também a viva encarnação do lema do Corpo da Marinha: *Semper Fidelis*.



Stockdale reencontrando sua família após sete anos e meio como prisioneiro de guerra

JAMES BOND STOCKDALE

O vice-almirante Stockdale serviu na ativa da Marinha Norte-Americana por trinta e sete anos, na maioria dos quais como piloto de combate a bordo de porta-aviões. Abatido em seu terceiro voo de combate (terceira missão) no Vietnã do Norte, foi prisioneiro naval sênior de guerra em Hanói por sete anos e meio – torturado quinze vezes, em confinamento solitário por mais de quatro anos, com pernas algemadas por dois anos.

Quando a incapacidade física por ferimentos de combate o levou à reforma, ele tinha a distinção de ser o único oficial três estrelas na história da Marinha Norte-Americana a usar tanto Asas de Aviador quanto a Medalha de Honra do Congresso Americano (CMH). Incluídas em vinte e seis outras condecorações por combate, há duas Cruzes por Distinção em Voo, três Medalhas por Distinção em Serviço, quatro Medalhas da Estrela de Prata e duas condecorações de Coração Púrpura.

Como civil, Stockdale foi diretor da Escola Militar da Carolina do Sul (The Citadel), professor universitário (ministrando cursos no Departamento de Filosofia de Stanford), pesquisador associado sênior do Instituto Hoover em Stanford por quinze anos, uma função em que ele é agora emérito. Todos os escritos convergem para o tema central de como o homem pode se elevar com dignidade para prevalecer face à adversidade.

Além de numerosos artigos, escreveu em co-autoria com sua mulher, *In Love and War* (Harper and Row, 1984), agora em segunda edição revista e atualizada (Editora do Instituto Naval Norte-Americano, 1990). O canal norte-americano NBC produziu uma versão dramatizada de seu livro posta no ar em 1987, estrelando James Wood e Jane Alexander. O almirante Stockdale também escreveu dois livros de ensaios: *A Vietnam Experience: Ten Years of Reflection* (Hoover Institution Press, 1984) e

Thoughts of a Philosophical Fighter Pilot (Hoover Institution Press, 1995). Essas duas obras receberam o prêmio *Freedom Foundation at Valley Forge's George Washington Honor Medal for books*.

Quando Stockdale se retirou da ativa em 1979, o ministro da Marinha Norte-Americana criou o prêmio “Liderança Vice-Almirante James Bond Stockdale”, conferido anualmente a dois oficiais de comando, um na frota do Atlântico e outro na do Pacífico. Em 1989, o *Monmouth College*, em seu estado natal Illinois, de onde ele foi para a Academia Naval, intitulou seu centro acadêmico “Stockdale Center”. Em 1990, ele foi o laureado do ano da *Abraham Lincoln Academy* em Illinois em cerimônias na Universidade de Chicago. Ele é pesquisador honorário na Sociedade de Pilotos de Testes Experimentais. Em 1993 tornou-se o primeiro aviador da Marinha da Era Vietnã a entrar para o *Hall* da Fama da Aviação Naval, e em 1995 ele foi homenageado no *U.S. Naval Aviation Hall of Honor* no museu nacional de aviação de Pensacola, Florida.

O almirante Stockdale tem onze títulos de doutorado *honoris causa*.

A TRÍADE DO GUERREIRO ESTOICO: TRANQUILIDADE, DESTEMOR E LIBERDADE³

James B. Stockdale

Sinto-me em casa aqui. Realizei voos de combate com os fuzileiros navais em seus próprios aviões VFM212 decolados de Kaneohe. Eu era comandante de ala⁴ do porta-aviões Oriskany em seu cruzeiro de 1965. Um de nossos esquadrões de combate estava fazendo a transição entre os *Crusaders* F8 para os F4. O intervalo foi preenchido pelo esquadrão de fuzileiros navais F8. O *skipper*⁵ era o tenente-coronel Chuck Ludden; o oficial executivo era o major Ed Ruddy, anteriormente *Blue Angel*. E meu *wingman*⁶ no esquadrão era um primeiro-tenente chamado Duane Wills (mais tarde tenente-general e comandante da *Marine Cows Aviation*). Passei sete anos e meio na prisão com meu colega de bordo capitão fuzileiro Harley Chapman, que foi derrubado dois meses depois de mim. Portanto, sinto-me em território familiar, e muito satisfeito em ter passado 37 anos no serviço naval com caras como vocês.

³ Conferência proferida diante do Corpo de Estudantes da Escola de Guerra do Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha Anfíbia dos EUA, Quantico, Virgínia, 18 de Abril de 1995.

⁴ *WingCommander*: título de direito, não uma posição; equivale à patente de tenente-coronel, normalmente tendo sob seu comando um esquadrão. (nota dos tradutores).

⁵ *Skipper*: Na gíria da Marinha Norte-Americana, é o termo usado ao se referir ao oficial comandante de qualquer navio, base ou comando a despeito da patente. Tal termo é usado apenas com a permissão do comandante em questão. (nota dos tradutores).

⁶ *Wingman* (ou *wingmate*): um piloto que apoia outro num voo potencialmente perigoso. *Wingman* originalmente se referia ao avião que voava ao lado e ligeiramente atrás do avião-líder numa formação. (nota dos tradutores).

Então, dito isso, tenho que escolher bem minhas palavras e ir direto ao ponto, se quisermos fazer alguma coisa útil esta manhã.

Vamos dar alguns passos largos imediatamente. Que tipo de negócio é o ofício militar? Vamos direto ao velho mestre, Clausewitz⁷. Ele disse: “A guerra é um ato de violência para compelir o inimigo a fazer a sua vontade”. A *sua* vontade, não a *dele*. Nosso negócio é dobrar a vontade alheia. Isso resume o que a guerra é; feito isso, a guerra acabou. E qual é a principal arma para se dobrar a vontade alheia? Isso pode surpreendê-los, mas estou convencido de que manter o moral elevado é mais importante que poder de fogo. Para Clausewitz, a guerra não é uma atividade governada por leis científicas, mas um choque de *vontades*, de *forças morais*. Ele escreveu: “Não se deve levar em consideração a perda de homens, cavalos ou armas, mas a ordem, a coragem, a confiança, a coesão e o planejamento para se saber se um conflito pode ainda ser sustentado; é principalmente a força moral que decide aqui”.

Força moral! Convicção! Jogos mentais!

A sabedoria da posição de Clausewitz sobre integridade moral me foi demonstrada ao longo de uma guerra perdida, enquanto eu estava atrás das linhas inimigas em uma prisão em Hanói.

Levar uma nação à guerra, com base em qualquer provocação que cheire a fraude, é se arriscar a comprometer a liderança nacional quando as coisas ficam difíceis. Quando os corpos de nossos soldados começam a chegar em casa em grandes números, e revezes no campo de batalha são desencorajadores, uma consciência culpada em uma liderança destacada se torna o calcanhar de Aquiles de toda uma nação. Homens de caráter que sabem que nosso caminho para uma guerra não foi desleal são os poucos com quem podemos contar para manter com firmeza o seu curso.

⁷ Carl Philipp Gottfried von Clausewitz (1780-1831): militar alemão do exército prussiano, famoso por sua obra *Von Kriege (Da guerra)*, da qual Stockdale cita algumas passagens no presente texto.

Como alguns de vocês sabem, eu liderei todas as três ações aéreas nos eventos do golfo de Tonkin na primeira semana de Agosto de 1964.

Questões morais foram ignoradas em Washington na interpretação dos nossos líderes dos eventos de 4 de agosto, de modo a fazer passar a resolução do golfo de Tonkin pelo congresso às pressas.

Eu não fui somente a única testemunha de todos os eventos e o líder das forças americanas que os iniciaram – eu também era conhecedor de uma mensagem confidencial quanto a isso. Eu sabia com certeza que nossas forças morais foram desperdiçadas em objetivos menores; outros envolvidos, no mínimo, suspeitavam o mesmo.

Jogos mentais são importantes, e devemos jogá-los honesta e seriamente nesse ofício. O inimigo de campo de batalha de Clausewitz, Napoleão, não apenas concordou com seu adversário, mas fez a mesma observação sobre ética em termos ainda mais vívidos.

Napoleão disse: “Na guerra, o moral está para o físico na proporção de três para um”.

Vou me concentrar num grande jogo mental hoje: estoicismo. Suas sementes foram plantadas em Atenas no século IV a.C., como uma reação contra a preocupação de Platão em preparar a todos para a sociedade perfeita. Diógenes de Sínope, um amigo tanto de Aristóteles quanto de Alexandre o Grande, (eles todos se conheciam e morreram no mesmo período de dois anos), lançou-se em campanha, não para conquistar o Oriente como o fez Alexandre, nem para eliminar a ignorância como o fez Aristóteles, mas para fazer algo acerca da condição do homem enquanto parte do rebanho de uma Cidade-Estado, que pudesse neutralizar os temores e desejos interiores que continuamente o obsedavam. O homem tinha que assumir comando e controle de si mesmo. *A meta estoica não era a boa sociedade, mas o homem bom!*

E muitos movimentos surgiram, a maioria no Oriente, depois do prematuro colapso do império de Alexandre o Grande

na Ásia, após sua morte na juventude; dúzias de cultos propostos para aperfeiçoar as almas dos homens se organizaram e, de Atenas, foram para o Ocidente: entre outros, epicuristas, estoicos (é claro) e, na retaguarda, os cristãos.

Para compreenderem minha mensagem de hoje, vocês têm apenas de ter uma compreensão geral da mensagem de um homem: o filósofo estoico Epicteto, um proeminente moralista pagão do Império Romano. Farei o melhor para lhes dar essa compreensão em duas falas de cinquenta minutos separadas por um intervalo.

No tempo restante, sobretudo por meio de perguntas e respostas, discutiremos o valor do que eu chamarei de “código de conduta” de Epicteto para nos integrar como guerreiros. Código de conduta? Vocês pensam o estoicismo como uma filosofia completa, com certa cosmologia, uma lógica particular, uma física, uma teoria do conhecimento e o todo o resto? Se é assim, vocês estão certos, o estoicismo tem todos os aparatos de uma filosofia; mas o velho Epicteto ignorou tudo acerca disso exceto o que tem a ver com a conduta pessoal, como um homem bom deve pensar e se comportar. “O que me importa”, Epicteto perguntou, “se todas as coisas existentes são compostas de átomos, ou indivisíveis, ou de fogo e terra? Não é o suficiente aprender a natureza verdadeira do bem e do mal?”

O primeiro princípio do estoicismo é viver em harmonia com a natureza – a natureza humana e a natureza física. Meu amigo geneticista em Harvard, E. O. Wilson, disse-me que a diferença entre homens e animais não é a razão, mas a natureza humana. A natureza humana consiste sobretudo em paixões geneticamente direcionadas, paixões configuradas para nos dar a capacidade de sobreviver e reproduzir. Foi David Hume quem disse: “A razão não só é, mas também *deve* ser escrava das paixões”.

A natureza física, a outra metade, é o universo físico e todas as suas interações. Para os estoicos, a natureza física é o corpo de Deus. Olhem a si mesmos e vejam onde se encaixam no esquema natural das coisas. E desempenhem bem o seu papel.

Epicteto não tolerava a vida indolente e largada. Seu sarcasmo desmascarava esses maus hábitos. Ele tinha uma ardente franqueza, cujos golpes expunham a vileza deles. Sua mensagem: “Um homem deve pensar com rigor e viver com simplicidade para agir bem”.

Eu conheci o velho Epicteto na universidade em 1962. Essa foi a minha grande sorte; de fato, foi um feliz acaso que nos uniu. Meu professor (de filosofia) favorito me deu um dos livros de Epicteto como presente de despedida quando eu saí da universidade de volta para o mar. Ele nunca o havia mencionado em sala de aula. Phil Rhineland⁸ simplesmente pensou que Epicteto e eu poderíamos fazer um bom par, e ele estava certíssimo. Eu nunca tinha ouvido falar de Epicteto; de fato, hoje o reconhecimento de seu nome está no terceiro escalão dos filósofos. Mas sua mente é de primeiro escalão.

Tudo o que sei de Epicteto eu desenvolvi por mim mesmo ao longo dos anos. Tem sido uma relação direta. Ele esteve em combate comigo; com as pernas algemadas comigo; ficou, por meses, de olhos vendados comigo; foi torturado comigo; ensinou-me que meu verdadeiro negócio é manter controle sobre meu propósito moral, o qual, de fato, é o que sou. Ele me ensinou que eu sou totalmente responsável por tudo que faço e digo; e que sou eu quem decide e controla minha própria destruição e libertação. Nem mesmo Deus irá interceder se me vir desperdiçar minha vida. Ele me quer autônomo. Ele me pôs no comando de mim mesmo.

*Não importa quão estreita seja a passagem
Quão carregada de punição a sentença*

⁸ Primeiro professor de filosofia de Stockdale em Stanford. Rhineland se tornou famoso por seu curso intitulado “Problemas do Bem e do Mal”, a que Stockdale assistiu. Publicou *Is Man Incomprehensible to Man?* W.H. FREEMAN & Company, 1974.

*Eu sou o senhor do meu destino
Eu sou o comandante de minha alma⁹*

Não se perturbem com minhas referências ocasionais ao modo como os estoicos veem Deus. Ele é o que há de mais próximo do Deus cristão, de acordo com Paul Tillich, um renomado teólogo protestante. Epicteto ouvira sobre os cristãos, mas jamais conheceu um, nem estavam os estoicos e os cristãos em competição durante a sua vida. Não foi até a última parte do segundo século d.C. que um credo cristão coerente começou a emergir. Antes disso, ninguém poderia afirmar uma tese cristã que fosse inteligível para um intelectual pagão. Os estoicos praticaram uma religião monoteística da qual a cristandade muito tomou – a paternidade de Deus e a irmandade dos homens eram conceitos estoicos bem estabelecidos antes que Cristo tivesse nascido; o Espírito Santo era uma idéia estoica antes que Cristo nascesse.

Eis um rápido resumo da vida de Epicteto: ele nasceu de uma escrava de língua grega em uma pequena cidade da Ásia Menor, cerca de cem milhas nas montanhas depois de Éfeso. No tempo em que nasceu, 50 d.C., aquela parte do mundo era uma colônia romana guarnecida por tropas. A cidade de sua mãe, Hierápolis, era então, e ainda o é, renomada por suas fontes e banhos de águas termais, e penso nela como um provável ponto R & R (de repouso e relax) para as tropas romanas. (Visitei o lugar, é claro). Nascido para a escravidão, Epicteto foi automaticamente um escravo; ele teve uma vida dura. Mutilado por um senhor cruel, tinha uma perna ruim, como a minha perna esquerda, na altura do joelho. Com cerca de quinze anos, foi acorrentado e levado para Roma numa caravana de escravos. Foi comprado num leilão por um ex-escravo, um “liberto”

⁹ Versos do poema de William E. Henley. Para a tradução completa do poema, cf. Stockdale. *Coragem Sob Fogo: Testando as doutrinas de Epicteto num laboratório comportamental humano*. Trad. Aldo Dinucci, Joelson Nascimento. São Cristóvão: EdiUFS, 2009, p. 3 (disponível para download em: <http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/prometeus/editora.htm>)

chamado Epafrodito¹⁰, secretário do imperador de Roma, o jovem (com 27 anos de idade) Nero. Nero era mau e ficou pior no tempo em que Epicteto, ainda moço, se mudou para a “Casa Branca” romana. Aos 30, Nero havia matado seu meio-irmão, suas primeira e segunda mulher e sua mãe. E estava deixando o Império gerir-se por si mesmo. O Senado Romano o declarou inimigo público, e Epafrodito estava ao lado de Nero quando o exército derrubava a porta para prendê-lo. Nero tentou cortar a própria garganta. Falhou. E Epafrodito terminou o trabalho. Epafrodito desde então passou a viver na obscuridade, e Epicteto ganhou as ruas de Roma. Jovem de elevada mentalidade, inteligente e falante de grego, começou a frequentar aulas de filosofia oferecidas em parques públicos. E naqueles dias, em Roma, “filosofia” era sinônimo de estoicismo. O ponto de virada de sua vida foi sua adoção por Musônio Rufo¹¹, o melhor professor de filosofia do primeiro século em Roma.

¹⁰ **Epafrodito:** Liberto e favorito do imperador Nero, que o empregou como seu secretário. Durante a conspiração que pôs um fim ao mandato de Nero, Epafrodito acompanhou seu mestre em sua fuga e, quando Nero tentou se matar, Epafrodito o auxiliou. Por esse serviço, entretanto, ele teve depois de pagar com sua própria vida, pois Domiciano primeiro o banuiu e depois ordenou que fosse executado, porque ele não se empenhara para salvar a vida de Nero. O filósofo Epicteto era um liberto desse Epafrodito; mas se esse é o mesmo Epafrodito ao qual Josefo dedicou suas *Antigüidades Judaicas*, e sobre o qual ele pronuncia em seu prefácio um grande elogio por seu amor pela literatura e pela história, é muito incerto. É geralmente aceito que Josefo está falando de um Epafrodito que viveu no reinado de Trajano e era um liberto e procurador deste imperador. (cf. Tácito, *Anais*. xv. 55; Suetônio. Nero, 49, *Domiciano*. 14; Dion Cássio Ixiii. 27, 29, Ixvii. 14; Arriano, *Diatribes Epict.* i. 26; Suidas). Deve-se distinguir de todas essas pessoas que têm o nome Epafrodito aquele a quem o apóstolo Paulo menciona como seu companheiro (cf. *Cartas aos Filipenses*. ii. 25, iv.18). (Essa e demais referências biográficas a personagens históricos dos tempos romanos traduzidas pelos organizadores da presente edição a partir da obra: SMITH.W. *Dictionary of Greek and Roman antiquities*)

¹¹ **Caio Musônio Rufo:** um célebre filósofo estoico do primeiro século da era cristã, filho de um romano da classe equestre de nome Capito, nascido

Embora Epicteto fosse ainda tecnicamente um escravo, Rufo, um cavaleiro etrusco, tomou-o como estudante. Rufo era fluente em grego como Epicteto o era em latim, e ele e Epicteto entenderam-se bem. Numa passagem, Epicteto fala sobre a maestria da instrução de seu tutor nos seminários:

Rufo falava de tal modo que cada um de nós, enquanto estávamos lá sentados, imaginávamos que alguém tinha ido a ele e contado as nossas faltas; tão efetiva era sua compreensão do

em Volsinii na Etrúria, no fim do reinado de Augusto ou no princípio do de Tibério. Como consequência de sua prática e assimilação dos princípios do Pórtico, tornou-se objeto de suspeita e descontentamento na corte de Nero, e foi por isso banido para a ilha de Giaros, em 66, sob o pretexto de ter ocultado a conspiração de Pisão. A afirmação de Suidas de que ele fora condenado à morte por Nero é inquestionavelmente errônea. Retornou do exílio com a ascensão de Galba e, quando Antonino tomou o poder, Musônio se distinguiu por acusar Públio Celer, por intermédio de quem Barea Sorano fora condenado, e obteve a condenação de Públio. Musônio parece ter sido muito estimado por Vespasiano, tendo-lhe sido permitido permanecer em Roma quando os outros filósofos foram banidos da cidade. A data de sua morte não é mencionada, mas ele não mais vivia no reinado de Trajano, quando Plínio fala de seu filho adotivo Artemidoro. (cf. Tácito. *Anais*. xiv. 59, xv. 71, *História*. iii. 81, iv. 10, 40 ; Dion Cássio Ixii. 27, Ixvi. 13; Plínio *Ep.* iii. 11 ; Filostrato, *Vida de Apolônio de Tiana*, iv. 35, 46, vii. 16 ; Temístio, *Orat.* xiii. p. 173, ed. Hard.). O poeta Rufo Festo Avieno era provavelmente um descendente de Musônio. Musônio escreveu várias obras filosóficas, que são chamadas por Suidas de *Logoi Diaphoroi Philosophias Echomenoi*. Além dessas, Suidas menciona cartas dele a Apolônio de Tiana, que são espúrias. Suas opiniões sobre temas filosóficos foram também publicadas num trabalho chamado *Apomnemoneumata Mousoniou tou Philosophou*, o qual Suidas atribui a Asínio Pólio de Trales, mas que deve ter sido obra de um escritor posterior com este nome, pois Asínio Pólio foi contemporâneo de Pompeu. A obra de Pólio parece ter sido uma imitação das *Memoráveis* de Xenofonte, e é provavelmente da obra de Pólio que Estobeu (*Floril.* xxix. 78, Ivi. 18), Aulo Gélio (v. 1, ix. 2, xvi. 1), Arriano e outros escritores fizeram uso, quando citam as opiniões de Musônio. Todos os fragmentos restantes de seus escritos e opiniões foram cuidadosamente coletados por Peerlkamp em sua *C. Musonii Rufi Reliquiae*, Harlemi, 1822).

que os homens realmente fazem e pensam. Com intensidade, exibia diante dos olhos de cada homem sua fraqueza particular.

A tutela de Epicteto durou pelo menos dez anos, e então Rufo o lançou numa carreira como um filósofo *bona fide* em Roma. Epicteto, como todos os filósofos em Roma, foi exilado pelo imperador Domiciano no ano 89, e ele escolheu a pequena cidade de Nicópolis (onde também estive), na costa grega do Adriático, como um lugar para fundar uma escola. Minhas autoridades favoritas colocam a data de sua morte em 138, aos 88 anos.

Nada sei sobre sua “aposentadoria”, penso, portanto, que ele inaugurou sua escola por volta do ano 90, aos 40 anos, e ensinou aí por outros 40 ou 50 anos. Esse pequeno livro, como aquele que ganhei de meu professor em 1962, é chamado *Encheirídion*, significando em grego “Manual”. São apenas excertos selecionados de oito volumes das aulas e conversas de Epicteto, ocorridas, pensamos nós, no ano 108. Ele falava basicamente para homens jovens e ricos de famílias destacadas, a maioria de Atenas e Roma. Era o cenário de Sócrates novamente, 500 anos depois. Os mesmos estudantes, da mesma idade, em torno dos vinte anos, os mesmos tipos de diálogo.

Epicteto, solteiro até os seus últimos anos, quando tomou uma esposa de sua idade para ajudá-lo a cuidar de uma criança resgatada da morte por abandono, era um mestre natural, extraordinariamente dotado. Era sociável – nunca faltou aos jogos Olímpicos que ocorriam a apenas 50 milhas de sua escola. Ele fala sobre os jogos Olímpicos daqueles anos no capítulo 29 do *Encheirídion*:

XXIX. (1) Considera o que antecede e o que sucede a cada tarefa, e então a empreende. Caso contrário, como não terás refletido sobre nenhuma dessas coisas, primeiro te entusiasmarás, depois, quando aparecerem algumas dificuldades, abandonarás a tarefa de modo vergonhoso. (2) Queres vencer em Olímpia? Também eu, pelos Deuses! Pois é uma bela coisa.

Mas considera o que antecede e o que sucede <tal vitória>, e então põe mãos à obra. É preciso que sejas disciplinado, que cumpras rigorosa dieta, que te abstenhas de guloseimas, que obrigatoriamente te exercites na hora determinada, no calor, no frio, que não bebas de modo algum coisas geladas nem vinho, não importa quando; em suma: que te confies ao treinador como a um médico. É preciso, então, que te fatigues nos jogos, que algumas vezes lances as mãos, que torças o calcanhar, que engulas muita areia, que algumas vezes sejas fustigado e, depois de todas essas coisas, podes ser vencido. (3) Considerando essas coisas, se o ainda desejares, torna-te atleta¹².

As possibilidades religiosas do estoicismo foram desenvolvidas por Epicteto mais que por qualquer um de seus predecessores estoicos dos 400 anos precedentes. Mas seu modo de falar não era o de um moralista puritano. Ele frequentemente exprimia suas observações incisivas em metáfora atlética: “São as dificuldades que mostram o caráter dos homens. Assim, quando te deparares com uma séria dificuldade, lembra que és como o jovem cru, com quem Deus-o-treinador está disputando”. E numa prece a Deus ele usa a metáfora militar:

Se Tu me enviaste a um lugar onde os homens não têm como viver de acordo com a natureza, devo partir dessa vida, não em desobediência a Ti, mas como se estivesses soando a retirada.

Os estoicos aceitavam o suicídio sob certas condições.

E Epicteto era divertido. Divertido mesmo quando interpretava o papel de psicólogo de choque! Ele faz e responde a seguinte questão:

¹² Todos os textos do *Encheirídion* citados de ARRIANO, Flávio. *O Manual de Epicteto*. Tradução, comentário e notas de Aldo Dinucci. São Cristóvão, EdiUfs, 2008.

O que fazes com teus amigos enquanto sobes na escala da sofisticação intelectual? Tu acompanhas teus velhos camaradas ou discutes questões intelectuais? Se não bebes com velhos amigos como costumavas beber, não podes ser tão amado por eles. Escolhe então se desejas ser ou bêbado e apreciado por eles ou sóbrio e não apreciado.

Então ele tornou claro em sua mente que satisfação e auto-respeito são melhor atendidos ao escolher amizades condizentes com sua educação.

Mas se isso não te agrada, coloca-te na posição inversa; torna-te um dos viciados contra a natureza, um dos adúlteros, e age do modo correspondente. E levanta-te para aplaudir o dançarino!

Ao estudante penosamente tímido e reticente:

Assim como os bons cantores de coro não fazem solos, mas cantam perfeitamente bem com outras vozes, também alguns homens não podem caminhar por si mesmos. Homem, se és alguém, caminha e fala por ti mesmo, e não te escondas no coro. Deixa que riam de ti algumas vezes, observa-te e atua em ti mesmo, de modo a, pelo menos, descobrires quem realmente és!

Ora, nem os oito volumes das “aulas” de Epicteto, conversas particulares e de corredor, nem o “resumo prático” delas, o *Encheirídion*, foram compilados por Epicteto. Ele não se importou minimamente em escrevê-los. Tudo foi anotado por um tipo de frenética estenografia por um estudante de 23 anos, um homem notável, Flávio Arriano, comumente conhecido apenas como Arriano. Ele era um grego aristocrático nascido em uma província da Ásia Menor no mar Negro. Não há como não pensar no que lhe custou improvisar essa estenografia, seguir o velho por toda parte e anotar todo o material. Depois de um bom tempo ouvindo Epicteto e seu discurso estimulante, ele deve ter

dito algo como: “Uau, precisamos pôr esse cara no papiro!” Na dedicatória, a um amigo, do manuscrito final, ele escreve:

Quantas coisas o ouvi dizer, essas mesmas tentei, escrevendo como me era possível, guardar com cuidado para mais tarde para mim mesmo – as lembranças de seu pensamento e de sua franqueza ao falar [...] Saibam os que se depararem com esses discursos que o próprio Epicteto, quando os pronunciava, necessariamente comovia o ouvinte, precisamente porque ansiava comovê-lo¹⁵.

Essa é a marca do bom mestre! Arriano foi escritor ao longo de sua vida. Seu último e maior livro foi seu texto definitivo sobre a expedição ao Oriente de Alexandre o Grande: *A Anabasis de Alexandre*. Algum tempo após sua morte, quatro dos oito volumes de Epicteto desapareceram. Durante a Idade Média, os quatro remanescentes foram unidos sob o título *Diatribes de Epicteto*. Como eu disse, o *Encheirídion* foi uma amostragem de todos os oito volumes, de modo que se acharão no *Encheirídion* coisas que não estão nas *Diatribes*.

A história nos dá flashes das outras atividades em sua ilustre carreira. Após deixar a escola de Epicteto, e um período como um bem-sucedido oficial do exército romano, o achamos lecionando em Atenas, cerca de 120 d.C., onde encontra o imperador Adriano, que estava para começar um tour de cinco anos pelo império após sua investidura em 117 d.C..

Epicteto figurou em dois resquícios da presença de Arriano em Atenas nos anos seguintes. Adriano, em 130 d.C., nomeou Arriano cônsul por um ano, seguido por seis anos como governador da grande província da Capadócia na Ásia Menor. Arriano apresentou Epicteto ao imperador Adriano, e eles se tornaram amigos até o fim da vida. Posteriormente, quando

¹⁵ Essa carta de Arriano abre as *Diatribes de Epicteto* e teria sido adicionada por Arriano como dedicatória ao manuscrito que enviara a Lúcio Gélio, manuscrito esse que é o paradigma de todos os outros que nos chegaram.

Arriano deixou sua docência em Atenas pela política, ele foi substituído por certo Q. Júnio Rústico¹⁴, que depois se tornou o tutor do jovem Marco Aurélio. Mais tarde, em suas *Meditações*, um livro sobre estoicismo, o imperador Marco Aurélio reconheceu seu débito com Epicteto pela sabedoria que ele adquiriu com o estudo dos seus oito volumes quando jovem. (Rústico tinha algumas cópias que Arriano lhe deixara e deu uma ao seu aluno, o jovem Aurélio).

Assim, esse menino escravo, que se tornou um diretor de escola, ganhou fama como respeitado estudioso nos mais altos círculos da única superpotência do mundo antigo. E aqueles eram anos importantes na história do mundo. Eram os anos de que o historiador Edward Gibbon falou na famosa afirmação em seu livro *A História do Declínio e da Queda do Império Romano*:

Se um homem fosse convidado para apontar o período na história do mundo durante o qual a condição da raça humana foi mais feliz e próspera, ele sem hesitação designaria aquele que ocorreu entre a ascensão de Nerva e a morte de Marco Aurélio.

É um período de 84 anos, de 96 d.C. a 180 d.C. “Seus reinados reunidos são possivelmente o único período da história no qual a felicidade de um grande povo foi o exclusivo objeto de governo”. O eminente filósofo Will Durant, no volume intitulado *De Cesar a Cristo*, de sua série sobre a história da civilização, chama os cinco imperadores que cobrem a era admirada por Gibbon de “os reis filósofos”. Todos eram estoicos ou lhes tinham forte simpatia: Nerva perdoou estoicos exilados por Domiciano.

¹⁴ **Q. Júnio Rústico** foi um dos professores do imperador Marco Aurélio e o mais distinto filósofo estoico de seu tempo. Recebendo as maiores honras da parte de Marco Aurélio, que constantemente o consultava sobre todos os assuntos públicos e privados, foi duas vezes promovido por ele ao consulado e, após sua morte, obteve do Senado estátuas erguidas em sua honra (cf. Dion Cássio Ixxi. 35; Capitolino. *Marcos Aurélio Antonino*, 3; Marcos Aurélio. i. 7).

Trajano tinha um tutor estoico em seus quartéis. Adriano era amigo íntimo de Epicteto. Antonino Pio, um “produto da escola estoica”, insistiu que princípios legais estoicos fossem seguidos nas cortes de justiça romanas, i.e. que (1) em todos os casos de dúvida, o veredicto fosse declarado em favor do acusado; e (2) um homem deveria ser considerado inocente até que se provasse a sua culpa. E o último dos reis filósofos, Marco Aurélio, provavelmente o melhor de todos os imperadores romanos, secretamente escreveu suas meditações estoicas à luz de velas em sua tenda armada em uma ou outra encosta das montanhas da Germânia, onde, nos últimos 12 anos de sua vida, esteve em campanha como general comandante dos exércitos romanos, continuamente engajado em defender as fronteiras do norte do Império contra os ataques tribais.

O estoico romano era mais um homem de ação que de contemplação, mas ouçam um parágrafo do velho soldado Marco Aurélio sobre como morrer:

Passa esse pequeno espaço de tempo – tua vida – confortavelmente com a natureza e termina tua jornada em contentamento, como a oliva madura que cai, louvando a terra que lhe deu nascimento e agradecendo à árvore que a fez crescer. (I, 48)

Sobre a questão do pós-morte, Marco Aurélio seguiu e enfatizou os ensinamentos de Epicteto. Somente eles, entre os estoicos, eram muito cuidadosos no que diziam sobre a morte. Não há prova de vida após a morte e, para evitar a possibilidade de iludir as pessoas, eles se abstiveram da linguagem mais ampla de seus predecessores. Matthew Arnold descreveu Marco Aurélio como “talvez, a mais bela figura na história”.

Os cinco reis filósofos foram o tipo de homens que vocês apreciariam como comandantes do Corpo de Fuzileiros Navais. Um poucas notas de meus livros de história: o segundo dos cinco, Trajano, era o general comandante do exército romano em Colônia quando foi notificado que o imperador Galba morrera, e que ele fora escolhido para sucedê-lo. Trajano foi

imperador por 19 anos, durante os quais habitualmente usava seu uniforme militar. Alto e robusto, desejou marchar a pé com suas tropas e passar a vau, com equipamento completo, as centenas de rios que eles atravessavam.

Deixem-me contar sobre a viagem de cinco anos feita por seu sucessor, o imperador e general Adriano, após encontrar Arriano em Atenas. Acompanhado por peritos, arquitetos, construtores e engenheiros, deixou Roma em 121 d.C. para inspecionar as defesas na Germânia. Ele viveu como seus soldados, comendo com eles, nunca usando um veículo, caminhando com equipamento militar completo a cada 20 milhas. O exército romano nunca esteve em melhor condição que em seu reinado. Ele viajou pelo Reno até sua foz, embarcou para a Bretanha, ordenou a construção de uma muralha de Solway Firth até a foz do Tyne “para separar os bárbaros (escotos) dos romanos na Inglaterra” - “A muralha de Adriano”. Voltou para a Gália; foi para a Espanha; e depois para o noroeste da África, onde conduziu as legiões romanas de ocupação contra os mouros que assaltavam cidades romanas da Mauritânia. Feito isso, foi a Éfeso a bordo de um de seus navios de guerra do mediterrâneo; mais adiante, inspecionou os portos do Mar Negro; voltou para Rodes; e, ainda curioso aos 50 anos, parou na Sicília e escalou o monte Etna para ver o nascer do Sol desde um penhasco a 11.000 pés acima do mar Mediterrâneo.

O intervalo entre o fim de minha graduação e meu aprisionamento foi quase exatamente três anos, setembro de 1962 a setembro de 1965. Esse foi um período de minha vida muito cheio de acontecimentos. Comecei uma guerra (liderei o primeiro ataque de bombardeio americano no Vietnã do Norte), comandi bons homens em cerca de 150 missões de combate sob fogo antiaéreo. E, ao longo de três missões de sete meses no Vietnã, eu tinha não apenas o *Encheirídon*, mas as *Diatribes* em

minha mesa de cabeceira em cada um dos três porta-aviões de que decolei. E os li.

Em 9 de setembro de 1965, voei direto para uma emboscada antiaérea, ao nível dos topos das árvores, a quinhentos nós, em um pequeno avião A4 – paredes de cabine afastadas menos de três pés – que eu não conseguia mais controlar depois que irrompeu em chamas e seus sistemas se apagaram. Após a ejeção eu tinha cerca de 30 segundos para dizer minhas últimas palavras em liberdade, antes de cair na rua principal de uma pequena aldeia à frente. Desamparado, murmurei para mim mesmo: “Cinco anos aqui, pelo menos. Estou deixando o mundo da tecnologia e entrando no mundo de Epicteto”.

Quero parar o cronômetro por um momento e explicar que lembranças do *Encheirídion* e das *Diatribes* eu tinha “prontas à mão” quando me ejetei do avião. O que eu tinha à mão era o entendimento de que o estoico, particularmente o discípulo de Epicteto que desenvolveu essa explicação, sempre mantém arquivos separados em sua mente para (A) as coisas que “lhe cabem”, e (B) coisas que “não lhe cabem”. Outra maneira de dizer isso: (A) coisas que “estão sob seu poder”, e (B) as que “não estão sob seu poder”; ou ainda outro modo de dizer o mesmo: (A) coisas que estão no âmbito de “sua vontade livre”, e (B) as que estão além. Entre as relativamente poucas coisas que “me cabem, que estão sob meu poder, sob o alcance de minha vontade”, estão minhas opiniões, minhas metas, minhas aversões, minha própria aflição, minha própria alegria, meu propósito moral ou vontade, minha atitude diante dos acontecimentos, meu próprio bem, meu próprio mal. Notem por favor: tudo, enquanto tem real importância para o estoico, aplica-se à sua “interioridade”, onde vocês vivem.

Agora estou falando um pouco como um pregador. Por favor, entendam que não estou tentando vender coisa alguma. Esse é apenas o modo mais eficiente de explicar. O estoicismo é uma dessas coisas que, quando descritas analiticamente, soa horrível para alguns ouvintes modernos. Estudiosos do estoicismo concordam que, para descrevê-lo efetivamente, o

mestre deve “se tornar, pelos menos por alguns momentos”, um estoico.

Por exemplo, para lhes dar uma ideia melhor de por que “seu próprio bem e eu próprio mal” estão na lista, quero citar uma passagem de Alexander Solzhenitsyn, de seu livro *Arquipélago Gulag*¹⁵, quando ele fala sobre isso na prisão, enquanto se recompõe, percebe suas forças residuais, e começa o que conheço como ascensão, experimentando picos de ocasional euforia ao compreender que estava conhecendo a si mesmo e o mundo pela primeira vez.

Foi somente quando eu jazia sobre o apodrecido catre da prisão que percebi dentro de mim o primeiro despontar do bem. Gradualmente se manifestou a mim que a linha que separa o bem do mal não passa entre Estados, nem entre classes, nem entre partidos políticos, mas diretamente através de cada coração humano, através de todos os corações humanos. Eis porque retorno aos meus anos de encarceramento e digo, algumas vezes para espanto dos que me cercam: “Bendita seja, prisão, por teres sido uma parte de minha vida”.

Eu entendo isso. Ele aprendeu, como eu e muitos outros aprenderam, que o bem e o mal não são apenas abstrações que se discutem, sobre as quais se dá aulas e se atribui a esta ou àquela pessoa. O único bem ou mal que significam alguma coisa estão exatamente em seu próprio coração, sob sua vontade, sob seu poder, no que está ao seu alcance. O que os estoicos dizem é: “Cuide disso e terá as mãos cheias”.

O que não está ao seu alcance? Além de seu poder? Não sujeito à sua vontade em última instância? Para começar, considerem “seu posto na vida”. Enquanto eu plano rumo à pequena cidade em meu breve voo de paraquedas, estou prestes a aprender quão insignificante é meu controle sobre meu posto na vida. Não é absolutamente encargo meu. Claramente estou,

¹⁵ Livro no qual Solzhenitsyn fala de sua experiência nos campos de prisioneiros soviéticos.

neste exato momento, deixando de ser comandante de ala, encarregado de umas mil pessoas (pilotos, tripulantes, pessoal de manutenção), responsável por cerca de cem aviões, e beneficiário de Deus sabe que tipo de status simbólico e atenção, para ser um objeto de desprezo. “Criminoso”, assim serei conhecido. Mas isso não revela metade da percepção de nossa própria fragilidade. Podemos ser reduzidos, pelos elementos naturais ou pelos homens, a um destroço, desamparado e lamentável, incapaz de controlar suas próprias entranhas – e em questão de minutos. E, ainda mais, podemos enfrentar fragilidades que nunca nos permitimos crer serem reais. É o que acontece, alguns minutos depois de ser, numa sequência de ações, derrubado, cuidadosamente amarrado por um profissional com cordas apertadas como torniquetes, ter as mãos algemadas atrás, ser ameaçado por baionetas à frente, ter a cabeça empurrada para baixo entre seus tornozelos presos em alças atadas a uma pesada barra de ferro, ser assaltado pela ansiedade, sentir cessar a circulação da parte superior do corpo, sentir a crescente dor e a progressiva claustrofobia enquanto alguém por trás, com o calcanhar, empurra sua cabeça para baixo mais uma vez, e você começa a ofegar e vomitar. Então podem escapar respostas, provavelmente corretas, para perguntas acerca de qualquer coisa que sabem que você sabe. Não irei impor-lhes essa descrição de novo. Chamarei isso apenas de “tortura nas cordas”.

Não, o “posto na vida” pode ser mudado, em menos de uma hora, de um digno, competente e educado *gentleman* para o de um lamentável destroço amedrontado e com aversão a si mesmo, talvez um permanente destroço, se você é desprovido de vontade. E então? Assim, após o trabalho de uma vida para estabelecer seu posto, se vocês se iludem pensando que têm algum direito de propriedade sobre ele, vocês estão se dirigindo para uma queda. Estão pedindo para se desapontar. Para evitar isso, parem de se enganar, tão somente façam o melhor que puderem de acordo com o senso comum para tornar seu posto na vida o que vocês querem que ele seja, mas não fiquem presos

a ele. Assegurem-se então de que, no fundo de seu coração, em seu interior, vocês tratem seu posto na vida com indiferença, não com desprezo, mas apenas com indiferença.

E o mesmo vale para uma longa lista de coisas que algumas pessoas irrefletidas afirmam que estão seguras de controlá-las totalmente – reputação, por exemplo. Façam o que fizerem, ela é tão instável como o seu posto na vida. São os outros que decidem qual é a sua reputação. Tentem torná-la o melhor possível, mas não se prendam a ela. Em seu coração, quando se abre aquela velha escrivaninha na qual realmente são mantidas as suas coisas, não deixem que a “reputação” se misture com o que está submetido à sua vontade, o que está sob o controle de sua vontade, em outras palavras, o que é encargo seu. Tenham certeza que a reputação esteja na última gaveta, arquivada sob a etiqueta “questões indiferentes”. E o mesmo para a saúde, a riqueza, o prazer, a dor, a fama, a infâmia, a vida e a morte. Tudo isso é externo, tudo isso está em última análise fora de seu controle, fora do poder de onde realmente se vive. E onde realmente se vive é confinado ao regime de seu propósito moral, confinado a coisas que podem ser projetadas por seus atos de vontade – como desejos, metas, aversões, juízos, atitudes e, é claro, seu bem e seu mal. Para um estoico, o propósito moral, a vontade é o único repositório de coisas de valor absoluto.

Se elas são projetadas sabiamente ou tolamente, para o bem ou para o mal, é encargo seu. Quando sua vontade é disposta no curso correto, um homem se torna bom; quando num curso tolo, ele se torna mal. Com o curso correto vem boa sorte e felicidade, e com o curso tolo, má sorte e miséria.

Para um estoico, a má sorte é culpa dele mesmo; vocês tornaram-se presos a exterioridades. Epicteto: “O que são as tragédias, senão o retrato em versos trágicos dos sofrimentos dos que admiraram as coisas externas?” Nem mesmo Deus irá interceder em suas decisões. Epicteto:

Deus te dá atributos, como caráter magnânimo, coragem e perseverança, para tornar-te capaz de suportar tudo que

aconteça. Essas coisas são dadas livres de qualquer restrição, compulsão ou impedimento; Ele pôs tudo isso sob teu controle sem reservar nem para si próprio qualquer poder para impedir-te ou obstar-te.

Como eu disse, sua libertação ou sua destruição são 100% suas. Sei das dificuldades de engolir tudo isso de uma vez. Vocês se mantêm pensando em problemas práticos. Todo mundo tem de jogar o jogo da vida. Vocês não podem simplesmente andar por aí dizendo: “Não me importo sobre minha saúde ou riqueza, ou minha reputação, ou se eu for mandado para a prisão ou não”. Epicteto foi um grande mestre porque podia traçar com as palavras um quadro que clareava aquilo sobre o que ele falava.

Nesse caso, Epicteto disse que todo mundo deve jogar o jogo da vida – que os melhores o jogam com “habilidade, elegância, velocidade e graça”. Mas, como na maioria dos jogos, joga-se com uma bola. Seu time devota todas as suas energias para fazer a bola atravessar a linha. Mas, depois do jogo, o que se faz com a bola? Ninguém se importa muito. Ela não vale coisa alguma. A competição, o jogo, era o negócio.

Vocês jogam o jogo com cuidado, tendo a certeza de nunca fazer do externo uma parte de si mesmos, mas meramente exercitando habilidade. A bola foi apenas “usada” para tornar o jogo possível, então apenas a larguem no vestiário e a esqueçam, deixem-na esperando pelo próximo jogo. Acima de tudo, não a desejem, não a busquem, não coloquem o coração nela. É essa última rota que torna as exterioridades perigosas, que as torna a rota para a escravidão. Primeiro se anseia ou se abomina “coisas”, e então vem aquele que pode conferi-las ou removê-las. Eu cito o *Encheirídion* (O Pequeno Livro), capítulo 14:

O senhor de alguém é quem possui o poder para conservar ou suprimir as coisas desejadas ou não desejadas por esse alguém. Então, quem anseia ser livre não deve desejar nem evitar alguma das coisas sob o controle de outro. Caso contrário, necessariamente será escravo.

Diatribes 1.12.1: “Quem é teu senhor? Aquele que tem autoridade sobre qualquer coisa que enlaça o teu coração”. Essas últimas citações constituem o real núcleo do que uma pessoa precisa para compreender a situação de um prisioneiro de guerra. E assim levei esses pensamentos centrais para a prisão. Também recordei, do *Encheirídion*, várias notas sobre mudança de atitudes, sobre como não se enganar pensando que se pode, de algum modo, se manter à parte, ser um “mero expectador”, separado da organização clandestina dos prisioneiros. *Encheirídion*, capítulo 17:

Lembra que és um ator na peça teatral que o Dramaturgo [27] quiser: se Ele a quiser breve, breve será; se longa, longa será; se Ele desejar que interpretes o papel de mendigo, é para que interpretes esse papel com habilidade. E, da mesma forma, se coxo, se magistrado, se homem comum. Pois isso é teu: interpretar belamente o papel que te é dado. Mas cabe a Outro escolhê-lo.

As iniciais maiúsculas em Dramaturgo e Outro são o código estoico para “outro nome de Deus”. Nossas mentes são partes da Mente Divina; ela é como uma chama, e as consciências individuais, suas faíscas. Do mesmo modo, somos fragmentos de Deus; cada um de nós tem dentro de si uma parte dele. Somos parte de Deus e Ele é parte de nós.

Outra observação sobre mudança de atitude: quando em situações difíceis, deve-se reprimir o que se tem de personalidade de presidente de centro acadêmico: dar e receber, abertura, compreensão, oferecer alternativas ao invés de direta recusa em colaborar. Na prisão, chamávamos os que agiam como presidentes de centros acadêmicos de “jogadores”, e tentávamos impedi-los de cavarem suas próprias sepulturas.

Se alguém entregasse teu corpo ao primeiro que aparecesse, te indignarias. E não te envergonhas se entregas teu pensamento

ao primeiro que apareça, para que, se ele te insultar, teu pensamento se inquiete e se confunda? (Encheirídion, capítulo 28)

Tudo isso, ao longo desses três anos (entre a graduação e ser abatido), eu deixei guardado para o futuro. Agora, volto à cronologia. Está bem calmo no paraquedas, e posso ouvir os rifles dispararem abaixo e associá-los aos furos de balas no velame do paraquedas acima de mim. Então, ouço o toque do meio-dia e vejo os punhos se elevando na cidade enquanto meu paraquedas se prende numa árvore, mas me deposita numa rua principal em bom estado. Com dois estalidos dos fechos de rápida soltura eu estava livre do paraquedas, e comecei imediatamente a ser linchado por dez ou quinze brutamontes que eu percebera, com minha visão periférica, chegando pesadamente à minha direita. Isso me pareceu como o saque de *quarterback* do século. Não quero fazer disso uma grande coisa, nem sugerir que me surpreendi com minha recepção, mas quando o ataque, a surra, as torções e as pancadas acabaram, e isso durou três minutos ou mais, antes que o cara com um capacete escuro chegasse apitando, eu estava com uma perna gravemente ferida, cujas sequelas tive a certeza de que carregaria pelo resto da vida. Esse pressentimento se mostrou correto. E terei de dizer que senti apenas pequeno alívio quando imprecisamente lembrei da admoestação do manco Epicteto no *Encheirídion*, capítulo 9:

Claudicar é um impedimento para a perna, mas não para a vontade. Diz isso, portanto, para cada uma das coisas que acontecem contigo. Com efeito, descobrirás que o impedimento é próprio de alguma outra coisa, mas não teu.

Como eu estava bem informado, sabia de tudo o que se passava – que os norte-vietnamitas já mantinham cerca de trinta prisioneiros no início de setembro de 1965, provavelmente em Hanói; que eu era o único comandante de ala da Marinha ou

Força Aérea que sobrevivera a uma ejeção; e que eu seria o mais antigo entre eles, seu oficial em comando, e assim continuaria a ser, muito provavelmente, por toda essa guerra, a qual eu estava certo de que duraria pelo menos cinco anos. E lá estava eu começando estropiado e atirado ao chão.

Bem, Epicteto se mostrou correto. Depois de uma operação rudimentar, que tão somente fechou meu joelho e estendeu minha perna, usei muleta por dois meses. E a perna quebrada, curando-se em poucos meses mais, ficou forte o suficiente para me sustentar. Assumi o comando (clandestinamente, é claro) dos então 75 pilotos – que deveriam chegar a 466 em sete anos e meio – determinado a “cumprir o papel que me fora dado”.

* * *

Encerrarei a cronologia da prisão bem aqui, e me concentrarei em trazer à luz mais dicas interessantes de Epicteto e seu estoicismo, quantas o tempo permitir.

Gostaria de dizer de imediato que li e estudei as *Diatribes* pelo menos 10 vezes, sem mencionar minhas incursões pelo *Encheirídion*, e jamais achei uma simples inconsistência no código de princípios de Epicteto. É um pacote fechado, livre de contradições. O velho cara pode não instigá-los, mas se ele não o faz, não o censurem por incoerência; Epicteto não tem problemas com a lógica.

Penso que é mais necessário se falar sobre o bem e o mal. Afinal, o estoico é indiferente a tudo a não ser o bem e o mal. No pensamento estoico, nosso bem e nosso mal vêm do mesmo lugar. “Vício e virtude residem unicamente na vontade”. “A essência do bem e do mal repousa numa atitude da vontade”. Solzhenitsyn a localiza no coração, e Epicteto aceitaria isso, ou vontade, ou propósito moral, ou caráter, ou alma, ele não era dado a disputas verbais. O que ele enfatiza é que o bem e o mal de vocês são a essência de vocês. Vocês são propósito moral. Vocês são vontade racional. Vocês não são cabelo, vocês não são

pele, vocês são propósito moral – entendam bem isso, e vocês estarão bem.

Isso foi revelado a Solzhenitsyn quando ele sentiu dentro de si a primeira inspiração do bem. E, nesse capítulo, o velho russo elaborou outras verdades sobre o bem e o mal. Não apenas a linha que os separa não passa entre grupos étnicos, políticos ou culturais, mas exatamente através de cada coração humano, através de todos os corações humanos; acrescenta ele que, para qualquer indivíduo ao longo dos anos, essa linha de separação dentro do coração se desloca, de algum modo oscila. Que mesmo nos corações subjugados pelo mal, uma pequena cabeça de ponte para o bem se mantém. E até no melhor dos corações permanece enraizado algum mal. Há algum bem e algum mal em todos nós, e essa é a doutrina estoica.

Nesse mesmo capítulo, Solzhenitsyn comenta:

Ah! se apenas houvesse pessoas más em alguma parte cometendo insidiosamente atos maus, e fosse preciso somente separá-las do resto de nós e destruí-las. Mas a linha que divide o bem e o mal é traçada ao longo do coração de cada ser humano, e quem deseja destruir uma parte do próprio coração?

Só quero que saibam que estou ciente disso. Em uma provação como uma tortura na prisão, reflete-se, silenciosamente se estuda o que fazem aqueles com quem se lida. Assim que tinha medido o meu torturador, visto os seus olhos enquanto trabalhava, visto se movendo, sentido mover-se enquanto ficava por trás de minhas costas curvadas e apertava as cordas fazendo meus ombros se juntarem, percebi que havia algum bem nele. Isso foi irônico, porque quando ele veio pela primeira vez com o novo comissário para instalar a tortura após minha chegada, eu o havia apelidado de “Pigeye¹⁶”, por causa do total vazio do seu olhar fixo, enquanto espreitava pelo visor da porta da cela. Ele era de minha idade, calvo e rijo, rápido, flexível

¹⁶ Literalmente : “olho de porco”.

e forte, como um treinador atlético. Era desprovido de emoções, daí seus olhos sem emoção. Quase totalmente ignorante do inglês, apenas gestos e grunhidos. Sob ordens, torturou-me nas cordas 15 vezes ao longo dos anos, e em determinada ocasião quebrou mais uma vez minha perna, tenho certeza que inadvertidamente. Numa cena de corte marcial, ele tinha que me torturar diante de um comitê de oficiais norte-vietnamitas. Os oficiais sentaram a uma longa mesa diante de *Pigeye* e mim, e atrás de nós estava um semicírculo de soldados segurando rifles que oscilavam enquanto apontavam, com suas baionetas afixadas, para o assoalho de cimento diante deles. Isso foi na sala de tortura dos Botões¹⁷ da *New Guy Village*, na prisão de Hoa Lo, em agosto de 1967—assim chamada porque suas paredes tinham sido toscamente salpicadas com bolotas de cimento do tamanho de uma bola de sorvete, numa tentativa de torná-la “à prova de som”. Eu podia dizer que *Pigeye* estava nervoso por causa daqueles oficiais que eu jamais vira antes, e penso que ele também não, e ele pressionou minha perna ruim ao invés da boa sobre a qual ele sempre pusera tensão antes. A cartilagem convescente cedeu com um agudo “pop”, e os oficiais se entreolharam e então se levantaram e saíram. Eu ficaria sem poder andar com meus pés por quase dois meses.

Em todos esses anos, nós provavelmente não tivemos mais que 24 horas juntos. Mas nenhum de nós jamais quebrou o código de uma invariavelmente estrita relação na “linha do dever”. Ele nunca me enganou, sempre jogou corretamente, e jamais pedi misericórdia. Eu admirei aquilo nele, e poderia dizer que ele admirou isso em mim. E quando as pessoas dizem: “Ele era um torturador, você não o odeia?” Eu digo, como Solzhenitsyn, para o espanto daqueles que estão à minha volta: “Não, ele era um bom soldado, nunca ultrapassou sua linha do dever”.

¹⁷ Os prisioneiros de Hoa Lo davam nomes aos cárceres e salas da prisão, de modo a indicar uns aos outros suas respectivas posições. Proibidos de se comunicarem, transmitiam mensagens uns aos outros através de um código que consistia em toques quase imperceptíveis nas paredes.

Naquele tempo eu aprendi que medo e culpa são os reais torniquetes que quebram a vontade dos homens. Eu poderia entoar sob minha respiração enquanto marchava para o interrogatório, sabendo que devia me recusar a colaborar e optar pelas cordas: “Seus olhos não devem mostrar medo; não devem mostrar culpa”. Os norte-vietnamitas tinham aprendido a jamais levar um prisioneiro “à cidade” – para subornar o nosso regime com aquilo que ele sempre tinha que lidar: exploração da propaganda pública – a menos que ele estivesse realmente intimidado, a menos que tivessem certeza de que ele sentisse medo. Suas ameaças não faziam sentido a menos que se sentisse medo. Eles haviam sofrido o dano político de vários, incluindo eu mesmo, que haviam reagido, falado e deixado a verdade à mostra para uma audiência de estrangeiros selecionados a dedo numa conferência de imprensa. Livro IV das *Diatribes*: “Quando um homem, que determinou sua vontade nem em morrer nem em viver a todo custo, vai à presença de um tirano, o que há para impedir que ele não sinta medo? Nada”. Medo é uma emoção, e controlar suas emoções pode ser fortalecedor.

Penso que mencionei todas as coisas que os estoicos pensaram que estavam verdadeiramente “em nosso poder”, dentro do domínio de nosso propósito moral, sob o controle de nossa vontade livre, salvo uma categoria. Essa requer um modo de pensar um pouco diferente, e assim a guardei para o fim. Eu já a mencionei, em parte. Os estoicos acreditavam que as emoções humanas são atos de vontade. Vocês estão felizes porque querem estar felizes, vocês estão esgotados ou tristes quando querem estar tristes, e medo não é algo que o perigo impõe sobre alguém. Quando se tem medo, é hora de perceber que foi decidido, desejado, querido ter medo. Como eu disse acima, sem que vocês tenham medo, ninguém pode significativamente ameaçá-los.

Nas *Diatribes* há um diálogo como este, e isso me era familiar:

Quando questionado, tive de informar a ele nossos planos de fuga; ele me ameaçou com a morte; eu fui compelido, eu não tive escolha... Isso não está certo; você teve uma escolha e você a fez. Ela pode ter sido justificada, não quero discutir isso agora. Mas seja honesto consigo mesmo. Não diga que você teve de fazer algo apenas porque eles o ameaçaram com a morte. Você simplesmente decidiu que era melhor colaborar. Foi a sua vontade que o compeliu.

Recusem-se a querer o medo e vocês começarão a adquirir uma constância de caráter que impossibilita que outro lhes faça mal. Ameaças não têm efeito se não se temer.

Epicteto diz: “Não irás perceber que a personificação de todos os males que recaem sobre o homem, de seu espírito ignóbil, de sua covardia, não é a morte, mas antes o medo da morte?”

Como eu disse, aprender a comandar suas emoções é fortalecedor. Quando se chega nesse ponto, o capítulo 30 do *Encheirídion* se aplica: “Se não quiseres, outro não te causará dano”. E por “dano” Epicteto quer dizer, como os estoicos sempre o fizeram, danificar seu eu interior, seu auto-respeito, e sua obrigação de ser leal. Podem quebrar seu braço ou sua perna, mas não se preocupem. Eles sararão.

Quais são algumas das diretrizes para identificar o bem e o mal no pensamento estoico? Bem, em primeiro lugar, o estoicismo retoma a ideia de que a Natureza é o corpo de Deus, e que ela não tenta melhorar. De fato, Deus e Natureza são dois aspectos da mesma coisa. A alma de Deus é a Mente do universo, e a Natureza é o seu corpo. Assim como a mente é a parte ativa, e a Natureza é a parte passiva, do mesmo modo nossas mentes são ativas e nossos corpos passivos. Mente sobre matéria; tudo ocorre em sua cabeça, assim não se preocupem com o corpo. O homem perfeito modela a si mesmo nessa operação do universo. Nada jamais se perde. Tudo permanece aos cuidados da Providência. Assim como o universo, no qual a Mente de Deus é imanente e habita e se move de um modo auto-suficiente e autárquico, do

mesmo modo o homem bom é independente, autônomo, lei para si mesmo e seguidor da eterna orientação do dever e da consciência. Isso é chamado a coerência do estoicismo, e Cícero a usou como o fundamento da Lei Natural e da Lei Internacional. “A verdadeira lei é a razão reta de acordo com a natureza”.

Os estoicos eram bons cidadãos. Na política, o estoico deveria amar seu país e se conservar pronto para morrer a qualquer momento para evitar a desgraça deste ou de sua própria. Mas a consciência de um homem devia ser mais elevada que a lei. Um homem tem o direito de ser responsável, autárquico, autônomo.

Quanto ao bem e o mal, aonde isso nos leva? Nada que seja natural pode ser um mal. A morte não pode ser um mal. A doença não pode ser um mal. Desastres naturais não podem ser um mal. Nada inevitável pode ser um mal. O universo, como um todo, é perfeito, e tudo nele tem um lugar no projeto geral. A inevitabilidade é produzida pelas operações desse mecanismo. Eventos não acontecem por acaso, chegam por desígnio. Há uma causa para tudo, e “acaso” é simplesmente um nome para causas não descobertas.

Nem o bem nem o mal podem ser abstrações. Epicteto diz: “Onde eu busco o bem e o mal? Dentro de mim, no que me é próprio”. Mas para aquilo que vem de outro nunca empregue as palavras “bem” ou “mal”, ou nada do tipo. Bens e males nunca podem ser coisas que outros façam a vocês nem por vocês. Por que não fazer da saúde ou da vida um bem? Porque o homem merece o bem, e é melhor que ele não “mereça” algo que ele não controle; de outro modo, ele irá atrás do que não é dele, e esse é o princípio do crime, das guerras, dê o nome que quiser.

Outra coisa. Não se controla Deus. Não se deve referir a ele como “bom” ou “mal”. Por que não? Ao aplicarem esses termos mundanos a Ele, recitando “Deus é bom”, as pessoas podem ficar tentadas, quando as coisas que Deus controla vão contra o que eles tentam fazer – como o clima desfavorável para os fazendeiros ou o vento em direção errada para os marinheiros— a começar a chamá-lo “mau” também. E isso é ímpio. “Lembra”,

diz Epicteto, “que a piedade deve ser preservada. A menos que piedade e interesse se unam, a piedade não pode ser mantida em homem algum”.

Agora algumas outras coisas que seguem dos pressupostos do estoicismo, sobre as quais vocês podem não ter pensado. Os estoicos dizem que o homem invencível não pode ser decepcionado por qualquer acontecimento fora do âmbito de seu controle, fora de sua vontade, fora de seu propósito moral. Isso soa irresponsável para vocês? Aqui vocês têm um homem que não se incomoda enquanto o mundo desfere golpes ao seu redor, na medida em que ele não tem participação em causá-los. A resposta a isso depende de se acreditar ou não em culpa coletiva. Os estoicos não acreditam. Eis o que a Enciclopédia de Filosofia diz sobre “culpa coletiva”:

Se a culpa, no sentido próprio, volta-se para o deliberado agir incorreto, parece que ninguém pode ser culpado pelo ato de outra pessoa – não pode haver culpa compartilhada nem coletiva ou universal. Incorre-se em culpa pela livre escolha do indivíduo [...] Mas muitos têm questionado isso. Entre eles alguns sociólogos que fantasiam desse modo a dependência do indivíduo em relação à sociedade. Mas a localização principal da ideia de culpa coletiva é a religião- muitas formas de doutrinas sobre pecado original ou pecado universal encaram a culpa como um estado difuso pela humanidade como um todo.

Falando por mim mesmo, penso a culpa coletiva como uma ferramenta manipulativa. Ela me lembra a técnica comunista “crítica/auto-crítica”¹⁸. Muitos dos preceitos dos estoicos dependem de uma rejeição do conceito de culpa coletiva. Os estoicos creem que cada homem tem exclusiva responsabilidade

¹⁸ Trata-se de técnica utilizada por vários governos comunistas segundo a qual num grupo cada indivíduo deve expor suas ideias sobre determinado tópico de modo a se chegar a uma decisão de caráter coletivo, eliminando-se por aí decisões e posicionamentos “egoístas” e “individualistas”.

por seu próprio bem e seu próprio mal – e isso leva à conclusão posterior de que é impossível imaginar uma ordem moral na qual uma pessoa faz o mal, e outra, o inocente, sofre. Agora adicionem tudo isso à firme crença de Epicteto de que todos somos nascidos com uma concepção inata do bem e do mal, do nobre e do vergonhoso, do conveniente e do inconveniente, do apropriado e do inapropriado, do certo e do errado; e, além disso, lembrando que todo o discurso estoico se refere ao homem interior, ao que está acontecendo “aí dentro”. Segue-se que o perpetrador do mal paga o preço total por seu mau ato sofrendo o dano de saber que ele destruiu o homem bom dentro de si. O homem tem “senso moral”, e colhe os benefícios e paga o preço por essa herança. Esse autoconhecimento de ter se traído e se destruído é o pior dano que pode ocorrer a um estoico. Epicteto diz:

“Ninguém cai por causa do ato de outro”.

“Ninguém é mau sem perda ou dano”.

“Ninguém pode fazer o mal impunemente”.

Eu chamo esse pacote de culpa pessoal, no qual Epicteto confiava, “a certeza na retribuição da consciência culpada”. Como eu digo às vezes: “Não pode haver algo como uma ‘vítima’, pode-se apenas ser uma ‘vítima’ de si mesmo”.

Lembrem-se:

Controlar suas emoções pode ser fortalecedor.

Seu interior é o que você faz dele.

Recusem-se a querer ter medo, e vocês começarão a adquirir uma constância de caráter que torna impossível que outro lhes causem dano.

Alguém perguntou a Epicteto: “Qual é o fruto dessa doutrinas?” Ele respondeu com três palavras incisivas: “Tranquilidade, Destemor e Liberdade”.

Obrigado.

BREVE NOTA BIOGRÁFICA SOBRE EPICTETO¹⁹

EPICTETO: Natural de Hierápolis, na Frígia, um liberto de Epafrodito (que era, por sua vez, ele mesmo um liberto e um servil favorito de Nero). Viveu e ensinou primeiro em Roma e, depois da expulsão dos filósofos por Domiciano, em Nicópolis, uma cidade do Épiro fundada por Augusto em comemoração por sua vitória na batalha de Actium.

Embora tenha sido favorecido por Adriano (Spartian, *Adriano*, 16) — o que ocasionou uma obra que foi indubitavelmente escrita muito posteriormente, a *Altercatio Hadriani cum Epicteto* (ver especialmente Heumann, *Ata Philos. i.* 734)— Epicteto, porém, não parece ter retornado a Roma, pois os discursos que Arriano tomou por escrito foram pronunciados por Epicteto quando ancião em Nicópolis. A afirmação de Temístio (*Orat. v.* p. 63, ed. Harduin) que Epicteto estava ainda vivo no reino dos dois Antoninos, repetida por Suidas²⁰, parece repousar sobre uma confusão de nomes, já que Marco Aurélio Antonino, um entusiástico admirador de Epicteto, não o menciona, mas Júnio Rústico, um discípulo de Epicteto, entre seus professores. Da mesma forma, Aulo Gélio, que viveu no tempo dos Antoninos, fala de Epicteto como pertencente ao período que acabara de passar (M. Aurélio. i. 7, vii. 29; Gélio, vii. 19). Além do que se menciona aqui, apenas uns poucos dados sobre a vida de Epicteto foram registrados, tais como o fato de ele claudicar, que foi explicado de modos muito diferentes, sua pobreza e suas poucas necessidades. A detalhada biografia escrita por Arriano não nos chegou (Cf. Simplício, *Proem. Comment. in Epictet. Enchirid. iv.* p. 5, ed. Schweigh.).

¹⁹ Verbete traduzido pelos organizadores do presente trabalho a partir do *Dictionary of Greek and Roman antiquities. Ed. William Smith. Illustrated by numerous engravings on wood.* Boston: C. Little, and J. Brown, 1870.

²⁰ Este Suidas escreveu, provavelmente no século x, um léxico que contém tanto palavras, como num dicionário, quanto notas biográficas e extratos de antigos escritores gregos (Nota dos tradutores).

É provável que ele fosse ainda um escravo (cf. *Diatribes*, i.9.29) quando Caio Musônio Rufo o conquistou para a filosofia do Pórtico, da qual ele permaneceu um fiel seguidor por toda a vida. De que modo ele a concebeu e a ensinou, vemos com satisfatória completude pelas notas que devemos ao seu fiel pupilo, Arriano, muito embora, com exceção de uns poucos fragmentos, quatro dos oito livros de Arriano tenham se perdido. Epicteto ele mesmo não deixou nada por escrito, e o curto manual ou coleção das mais essenciais doutrinas de Epicteto foi compilado por Arriano a partir de seus discursos (Simplicio. *in Encheirid Epict. Proêmio*).

O manual (*Encheiridion*) e os comentários de Arriano, junto com as explicações de Simplicio ao primeiro e algumas paráfrases posteriores, foram editados por Schweighauser, que acrescentou as notas de Upton, as suas próprias e as de outros comentadores (cf. Schweighauser. *Epicteteae Philosophiae Monumenta, post J. Uptoni diorumque curas edidit et illustravit*. Lipsiae: 1799, 1800).

Podemos atribuir ao próprio Epicteto o que ele diz de seu mestre estoico, a saber, que falava de modo tão impressionante, e tão cabalmente descreveu as faltas dos indivíduos, que aquele que o lê se sente tocado como se o próprio Epicteto lhe tivesse falado pessoalmente (cf. *Diatribes*, iii.23.29). Profundamente comovido por sua vocação como professor, Epicteto almejou em seus discursos conquistar as mentes de seus ouvintes para o bem, e ninguém pôde resistir à impressão que eles produziram (Cf. Arriano, *Carta a Aulo Gélcio*). Longe de qualquer desdém pelo conhecimento, ele dá valor aos conhecimentos teóricos para se obter conclusões e coisas do gênero (*Diatribes*, i.7.1 ss. Cf. i.8.1 ss., i.17, ii. 23.25). Ele, porém, deseja que os exercícios lógicos, o estudo de livros e da eloquência não sejam vistos como algo mais que meros meios, não devendo constituir motivo de orgulho, arrogância e avareza (cf. *Diatribes*, i.8.6 ss.). Ele jamais reserva momento algum para discussões que não contribuam, direta ou indiretamente, para o despertar e a purificação da conduta moral do homem (cf. *Diatribes*, i. 17. 15).

O verdadeiro cínico—e este se identifica com o filósofo estoico—é, na opinião de Epicteto, um mensageiro de Zeus, enviado aos homens para livrá-los de suas noções errôneas sobre o bem e o mal e sobre a felicidade e a infelicidade (cf. *Diatribes*, iii. 22. 23), e conduzi-los de volta a si mesmos (cf. *Diatribes*, iii. 22. 39). Para esse fim se

requer talento natural e agudeza de intelecto (cf. *Diatribes*, iii. 22. 90), pois suas palavras devem produzir uma vívida impressão.

O princípio do filosofar, para Epicteto, é a percepção da própria fraqueza e da incapacidade para fazer o que é preciso (cf. *Diatribes*, iii. 22; ii. 11. 1; iii. 23. 34). Com essa percepção nos tornamos cientes do conflito que há entre os homens, bem como ávidos para conhecer a causa disso e, conseqüentemente, para descobrir um parâmetro pelo qual possamos tomar nossas próprias decisões (cf. *Diatribes*, ii. 11. 13 ss.). Chama-se filosofar meditar sobre isso e praticar isso (cf. *Diatribes*, 24; iii. 10. 6). As coisas que devem ser analisadas são os conceitos, que formam o material. A obra que deve ser construída a partir deles é a aplicação desses conceitos segundo a natureza e a justiça e um controle sobre eles (cf. *Diatribes*, iii. 22. 20). Essa justa escolha de conceitos e nosso consentimento ou decisão (*prohaíresis*, *sunkatathésis*) em seu favor constituem a natureza do bem (cf. *Diatribes*, ii. 1. 4). Apenas o que está sujeito à nossa escolha ou decisão é um bem ou um mal; todo o resto não é nem um bem nem um mal, não nos diz respeito, está além de nosso alcance (cf. *Diatribes*, i. 13. 9, 25. 1, ii. 5. 4); é algo externo, tão somente algo sujeito à nossa escolha (cf. *Diatribes*, i. 29. 1; ii. 16. 1; 19. 32; iv. 10. 26). Todo o resto em si mesmo é indiferente, mas seu uso não é indiferente (cf. *Diatribes*, ii. 5. 1; 6. 1), e esse uso é ou consistente com ou contrário à natureza (cf. *Diatribes*, ii. 5. 24). A faculdade de escolha e, conseqüentemente, nossa opinião sobre as demais coisas, estão em nosso poder (cf. *Diatribes*, i. 12. 37). Em nossa escolha somos livres (cf. *Diatribes*, i. 12. 9; 17. 28; 19. 9). Nada do que nos é externo, nem mesmo Zeus, pode suplantar nossa escolha. Apenas a escolha pode controlar a si mesma (cf. *Diatribes*, i. 29. 12; ii. 1. 22; iv. 1; ii. 2. 3; iii. 3. 10). Nossa escolha, entretanto, é determinada por nossa razão, que é aquela que, entre todas as faculdades, observa e testa a si mesma e todo o resto (cf. *Diatribes*, i. 1. 4; i. 20). A razão é o nosso guia, capaz de conquistar todas as faculdades que não são livres (*tò hegemonikon*: cf. *Diatribes*, ii. 1. 39). Ela é o princípio de governo dado ao homem (*tò kúreion*: cf. *Diatribes*, i. 1. 7; 17. 21). Logo, apenas o que é irracional não pode ser tolerado (cf. *Diatribes*, i. 2). É por essa razão apenas que o homem se distingue dos animais brutos (cf. *Diatribes*, ii. 9. 2; iii. 1. 25). Aquele que renuncia à razão e se deixa guiar pelas coisas externas é como um homem que se esqueceu de

sua própria face (cf. *Diatribes*, i. 2. 14). É aquele que deseja ou repudia o que está para além de seu poder não é livre (cf. *Diatribes*, i. 4. 19).

O que está de acordo com a razão coincide com o que está de acordo com a natureza e é agradável a Deus (cf. *Diatribes*, i. 12. 9; 26. 2; iii. 20. 13; 11. 10. 4). Nossa semelhança com Deus (cf. *Diatribes*, i. 12. 27), ou nossa relação com a divindade (cf. *Diatribes*, i. 9. 1, 11), e a coincidência de nossa vontade com a vontade de Deus (cf. *Diatribes*, ii. 17. 22; 19. 26; iii. 24. 95; iv. 1, 89. 103; 4. 39) consistem em nossa ação livre e de acordo com a razão. Através da razão nossas almas se unem intimamente e se misturam à divindade, como fossem partes dela (cf. *Diatribes*, i. 14. 6; ii. 8. 11; 13; 17. 33). Pois a mente, o conhecimento e a razão constituem a essência de Deus, e são idênticas à essência do bem (cf. *Diatribes*, ii.8. 1 ss.). Devemos, por isso, clamar pela ajuda de Deus em nossa luta pelo bem (cf. *Diatribes*, ii. 18. 29), devemos tentar nos igualar a Ele (cf. *Diatribes*, ii. 14. 13), devemos purificar nosso guia interior (cf. *Diatribes*, iii. 22. 19), devemos ser puros para com o que é puro dentro de nós e para com a Divindade (cf. *Diatribes*, ii. 18. 19).

O oráculo dentro de nós, que nos anuncia a natureza do bem e do mal (cf. *Diatribes*, ii. 7. 2), é o *daimon*, a parte divina de cada um, o incansável e incorruptível guardião (cf. *Diatribes*, i. 14. 12.). O *daimon* se manifesta em nossas concepções que concordam entre si (cf. *Diatribes*, i. 22.1). Pois elas são por si sós evidentes, e nos sentimos no dever de praticá-las, embora possamos combatê-las (cf. *Diatribes*, ii. 20. 1). O que é bom devemos reconhecer como tal: onde quer que apareça, o que é bom nos atrai, e é impossível rejeitar a noção do bem (cf. *Diatribes*, iii. 3. 4). Tais concepções são os auxílios que a natureza deu a cada um para descobrir o que é verdadeiro (cf. *Diatribes*, iv. 1. 51.). Onde quer que elas não sejam reconhecidas, como no caso dos seguidores da Nova Academia, tornam-se a mente e a modéstia petrificadas (cf. *Diatribes*, i. 5. 3.). Realizar a análise crítica do que está de acordo com a natureza e dominar isso em sua aplicação às coisas individuais é o objetivo de todos os nossos esforços científicos (cf. *Diatribes*, i. 11. 15), e essa maestria é obtida apenas por meio do cultivo de nossa mente e da educação (*paideia*: cf. *Diatribes*, i. 2. 6; 22. 9; ii. 17. 7.). Na teoria, a prática é a parte mais fácil; a aplicação na vida é a parte mais difícil, e é o objeto de toda a teoria (cf. *Diatribes*, i. 26. 3; 29. 35). Constatamos, em relação ao que concerne à aplicação prática, que muitos homens são

epicuristas e peripatéticos efeminados, embora professem as doutrinas dos estoicos e dos cínicos (cf. *Diatribes*, ii. 19. 20; 12. 1; 18. 26; iii. 26. 13; iv. 1. 138; 4. 14. 43; 6. 15). De modo a obter a maestria na aplicação de princípios morais à vida, exige-se uma prática continuada. Mas essa prática é primeira e principalmente dirigida ao controle de nossos conceitos e, desse modo, também de nossas paixões e desejos, que são eles mesmos apenas modos do conceito (cf. *Diatribes*, ii. 18. 1 ss.; 29, iv. 10. 26) e, como tais, nos pressionam e forçam, estando um indivíduo mais sob a influência de um tipo, e outro mais sob a influência de outro, razão pela qual cada um, de acordo com sua peculiaridade individual, deve opor a tais conceitos e paixões uma prática contínua (cf. *Diatribes*, i. 25. 26; ii. 16. 22). Essa primeira e mais essencial prática deve ser acompanhada de uma segunda, que se dirige para o que é apropriado (o dever), e uma terceira, que tem como objeto a certeza, a verdade e a convicção; mas essa última prática não deve pretender suplantar a primeira (cf. *Diatribes*, iii. 2. 6). O desejo infalível pelo que é bom, evitar absolutamente o que é mal, o desejo sempre dirigido para resoluções apropriadas, cuidadosamente pesadas, e um total assentimento a elas, são a força do filósofo (cf. *Diatribes*, ii. 8. 29). Através deles ele adquire liberdade e completa independência de tudo o que não está sujeito à sua escolha (cf. *Diatribes*, iv. 4. 39; iii. 22. 13) e, em confiante submissão, deixa a administração disso para a Providência, cuja lei universal não pode escapar da visão de um imparcial e grato observador dos acontecimentos no mundo (Cf. *Diatribes*, ii. 14. 26; iii. 17). Nessa submissa confiança e na consciência de sua necessidade, de modo a salvaguardar intacta a paz mental em todos os acontecimentos da vida, na tristeza e na necessidade, vemos o espírito do moderno e, devemos dizer, enobrecido Pórtico. O mesmo espírito é expresso na energia e pureza de seus sentimentos, e no abandono de princípios cuja severidade e insustentabilidade nascem da inflexível e abstrata consistência do Pórtico mais antigo. Epicteto tem plena ciência de que o homem, como tal, é um membro da grande comunidade cósmica de deuses e homens, bem como um membro das comunidades do Estado e da família; e que o homem está para eles na mesma relação de um membro para um organismo como um todo; e que, por essa razão, ele só pode se desenvolver plenamente neles (cf. *Diatribes*, ii. 5. 26). Epicteto reconhece a necessidade do amor e da confiança (cf. *Diatribes*, ii. 22. 4.

1), concedendo apenas ao Cínico, quer dizer, ao verdadeiro filósofo, a renúncia ao casamento e à vida familiar por se dedicar com todas as suas forças ao serviço à divindade e aos deveres de uma ilimitada filantropia (cf. *Diatribes*, iii. 21.67 ss.). É verdade também que, em Epicteto, o ideal do filósofo ocupa o lugar de um sistema político e uma considerável porção da ética—mas como uma vívida consciência da natureza de um Estado poderia se formar em seu tempo e naquelas circunstâncias? Em sua tentativa de estabelecer em si mesmo e em outros um padrão moral que não fosse afetado pelas corrupções de sua época, ele não percebe a íntima e necessária conexão disso com esforços artísticos e científicos ativos e não supervisionados. Mas ele reconhece a importância moral desses esforços mais do que seus predecessores, e está profundamente tocado pela convicção de que o indivíduo deve viver para o todo, embora não seja capaz de determinar *como* isso pode ocorrer de um modo produtivo e para atingir bons resultados. Acima de tudo, entretanto, ele abandonou a orgulhosa auto-suficiência que era esperada do filósofo estoico em relação às vicissitudes do mundo e do homem. A máxima *Resistir e Abster-se* (*Frag.* 179; cf. *Diatribes*, iv. 8. 25; Gélío, xvii. 19), que ele seguiu ao longo de sua vida, se fundava na firme crença em um sábio e benevolente governo da Providência. Nesse aspecto, Epicteto se aproxima da doutrina cristã mais que qualquer dos antigos estoicos, embora não haja um único traço no seu pensamento que mostre que ele estivesse familiarizado com o cristianismo, e menos ainda que ele tivesse aceito o cristianismo, seja em parte, seja na totalidade.



CONHEÇAM A PÁGINA DO PROJETO *ENCHEÍRIDION* BILINGUE DO
VIVA VOX:

<http://vivavox.site90.com/projeto%20encheiridion.htm>

Para mais textos sobre o estoicismo, Epicteto e Stockdale, visitem:

<http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/prometeus/editora.htm>